

A pesquisa continua

Desde o aparecimento dos microcomputadores, os fabricantes de *hardware* e *software* vêm investindo tudo na facilidade de uso desses equipamentos. Cada procedimento real ou perceptível transforma-se instantaneamente em informações codificadas, trabalhadas, redesenhadas, reinventadas. A um simples toque nos botões, a máquina ajuda o usuário a tornar mais lúdica a atividade de ler, de se informar, de conhecer. Nesse ambiente competitivo a informação está ao alcance de todos: a criança coloca-se na ponta dos pés e digita o código de acesso ao sistema, o menino consulta o terminal de informações sobre mercadorias e serviços, o homem decide sua vida pela tela, as pessoas consomem imagens e experimentam outras realidades. A realidade das informações que nós escolhemos ter ou ser.

A sociedade da informação transformou as relações habituais de compra, venda e consumo. Tornamo-nos clientes de um grande balcão onde se vende de tudo e principalmente aquilo que se procura. É a busca pela satisfação

das necessidades do usuário, pela pergunta que nunca fica sem resposta. É a informação que gera riquezas, mas não se guarda em cofres - pelo contrário, democratiza-se. Enchem-se os canais de informação e multiplicam-se os "pescadores" de informação. A todos é dado o direito de navegar nos repositórios mundiais de informações, mas a poucos o conhecimento de encontrá-las. Consultar um banco de mercadorias não significa poder comprá-las, apenas admirá-las. As telas, sensíveis ao toque, são divertidas mesmo para dedos sujos e cheios de inocência.

Quando olhamos para as novas tecnologias precisamos enxergar os seres que estão por trás delas. A produção científica não aumentou por causa das novas tecnologias, pois esse quadro teria progredido de qualquer maneira pelo simples aumento de pesquisadores. O que melhorou foi a qualidade de vida do homem que faz ciência. Antes, ele produzia um número determinado de trabalhos por ano. Hoje, ele mantém a média, mas entre um e outro pára e admira a paisagem.

Outro dia pensávamos que as palavras isoladas veiculassem valores referenciais e assim punhamos a indexar textos sem fim, querendo que os usuários refizessem o caminho inverso para recuperar a informação. Não era bem assim. Ao se estudarem as relações homem-sistema, apareceram os modelos de automação, os sistemas especialistas, os sistemas orientados a objetos. Todos com propostas novas e contribuições valiosas para diminuir o trabalho exaustivo de indexação. Pouco se conseguiu sobre a representação semântica das estruturas lingüísticas, mas muito se avançou nas interfaces de recuperação da informação. O usuário se beneficiou muito nesse processo, mas a pesquisa continua.

Querer saber aonde tudo isso nos levará é perder a oportunidade de construir esse caminho. Todos nós temos uma concepção do que seja essa realidade, por isso é preciso vivê-la, momento após momento, com a curiosidade de homens de ciência, que buscam o saber, sem portanto, querer conhecer o fim do filme antes do tempo.

Os artigos veiculados neste número da *Ciência da Informação* nos convidam a refletir sobre os novos caminhos da tecnologia da informação, seus impactos na produção científica e no comportamento da sociedade moderna. Sua abrangência extrapola o convívio da máquina para discutir modelos de comunicação, recuperação da informação e produção científica.

Marcílio de Brito

Chefe do Departamento de Tecnologias da Informação do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (DTI/IBICT) e responsável pelo grupo de Coordenação de Informação da Rede Nacional de Pesquisa (RNP). Doutor em Ciência da Informação: Informática Documentária pela Universidade Claude Bernard Lyon I, França. (E. mail mdebrito @ buriti, ibict. br)